

UM ITINERÁRIO DA LITERATURA MODERNA: O PERCURSO INFLUENCIADOR DA SAGA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS BRASILEIRAS

GOMES JR. Manoel Santana
soliteraturamanojr@hotmail.com

DE PAULA, Noemi Rodrigues (Orientadora)
Graduada em Letras Português / Inglês, Professora Coordenadora dos cursos de Letras da Universidade Tiradentes – UNIT
Noemidepaula@uol.com.br
depaula@infonet.com.br

RESUMO

José Bento Monteiro Lobato, figura polêmica no meio artístico, cultural e empresarial brasileiro à luz da Semana de Arte Moderna de 1922 nos legou uma obra inteiramente original. Não àquela tradicional dos compêndios literários dedicados à instrução do estudante de nível Médio, mas àquela dedicada ao público infanto-juvenil. A importância da saga do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Dona Benta e seu universo do sítio vai muito mais além do que meramente a reprodução dos velhos livros importados quase sempre do eixo Portugal-França-Inglaterra. É um divisor de águas entre o ultrapassado e o moderno na literatura brasileira. E por falar em moderno, este se manifesta em seu propósito literário, linguagem e iconografia totalmente originais e a incorporação de temas e motivos nacionais na obra. É justamente aí que nos deparamos com o que foi a contribuição de Lobato no processo de educação de milhões de brasileirinhos que, graças a sua obra, adquiriram noções de Aritmética, Gramática, Geografia, História e tantos outros conhecimentos. Mas o que foi feito da leitura de Monteiro Lobato nas escolas deste país? Esta e outras considerações estão subsidiadas aos futuros pesquisadores de sua biobibliografia sob forma de um esclarecimento da importância de sua leitura nas escolas brasileiras.

UM ITINERÁRIO DA LITERATURA MODERNA: O PERCURSO INFLUENCIADOR DA SAGA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS BRASILEIRAS

INTRODUÇÃO

Embora estreando na literatura escolar com *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato já trazia com seu primeiro livro dedicado às crianças bases de uma verdadeira literatura infantil brasileira: o apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da mente criadora, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça da expressão – toda soma de valores temáticos e lingüísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar. Fase essa expressa, geralmente, numa língua Portuguesa já de si divorciada daquilo que se falava no país.

Três foram os grandes livros da literatura escolar brasileira: *Através do Brasil*, do sergipano Manuel Bomfim e de Olavo Bilac; *Saudade* de Tales de Andrade, e *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato. O livro de Lobato – e isso é curioso porque demonstra o amplo domínio da literatura escolar –, embora já com características específicas de uma literatura capaz de romper barreiras do “simples pedagogismo”, a obra de intensão didática ou educativa, como os dois anteriores não os tinham – apareceu como “literatura escolar”, conforme se lê no frontispício da primeira edição. Monteiro Lobato teve que fazer concessões à literatura escolar no primeiro plano do êxito de sua obra literária para a infância. Nem de outra maneira, talvez, em curto prazo, poderia ter vendido ao Governo do Estado de São Paulo um total de 30 mil exemplares de sua edição inicial.

É possível estabelecer a gênese da literatura infantil de Monteiro Lobato? É o que se discute através de suas impressões recolhidas na correspondência de quase 40 anos com o também escritor e seu amigo confidente Godofredo Rangel, que residia em Minas Gerais. Essa preciosa correspondência foi reunida por Edgar Cavalheiro no volume intitulado *A Barca de Gleyre*, editado em 1944. Aí se encontram cartas importantes, documentos claros de um sonho que Monteiro Lobato acariciou durante longos anos.

Foi de uma dessas cartas que surgiu uma história de um peixinho que nasceu o Sítio do Pica-Pau Amarelo. O peixinho puxou, na imaginação do escritor, velhas lembranças da fazenda, brincadeiras com as irmãs, as estórias contadas pelo agregado Evaristo, a pesca de lambaris no ribeirão coma mulata Joaquina – tudo gente da infância de Monteiro Lobato em Taubaté. Daí nasceu a Narizinho que, a princípio, como informa Edgard Cavalheiro¹, iria receber o título de “*A Menina do Carço no Pescoço*”. Alguns fragmentos das aventuras de Narizinho foram inicialmente publicados na *Revista do Brasil*, com uma nota em que Monteiro Lobato focaliza a literatura infantil no Brasil². “*Narizinho Arrebitado*” foi muito bem recebido. Segundo Breno Ferraz, observou-se então que se publicava “um livro absolutamente original, em completo inteiro desacordo com todas as nossas traduções didáticas” (CAVALHEIRO, 1962, p. 146). E mais, “em vez de afugentar o leitor, prende-o. Em vez de ser tarefa, que a criança decifra por necessidade, é uma leitura agradável, que lhe dá a amostra do que podem os livros”³. Breno Ferraz sentiu bem que algo de novo se inaugurava com o livro de Monteiro Lobato: “com o seu aparecimento, marca-se a época em que a educação passará a ser uma realidade nas escolas paulistas”.

¹ Edgar Cavalheiro, *Monteiro Lobato, Vida e Obra*, Vol. II, pg. 144.

² A nota é a seguinte: “A nossa literatura tem sido, com poucas exceções, pobríssima de arte e cheia de artifício – fria, desengonçada, pretensiosa. Ler algumas páginas de certos livros de leitura equivale, para rapazinhos espertos, a uma vacina preventiva contra os livros futuros. Esvai-se o desejo de procurar emoções em letra de forma; contrai-se o horror do impresso... Felizmente esboça-se uma redação salutar. Puros homens de Letras voltam-se para o gênero, tão nobre como outro qualquer”.

³ Acrescenta Breno Ferraz: “... de fato, a história fantasiada por Monteiro Lobato, falando à imaginação, interessando e comovendo o pequeno leitor, faz o que não fazem as mais sábias lições instrutivas: devolve-lhe a personalidade, libertando-a e animando-a para cabal eclosão, fim natural da escola. Nesses moldes há uma biblioteca a construir”.

A forma de aparecimento na fase de literatura escolar era um imperativo do desenvolvimento histórico da literatura infantil. Monteiro Lobato percebeu perfeitamente a dinâmica e daí ter feito concessões formais. *Narizinho Arrebitado* aparece como “segundo livro de literatura para uso das Escolas primárias”, mas o conteúdo não é mais didático: é amplamente lúdico. Consagrado o livro, como os demais que se seguiram, destacado o nome do autor, Monteiro Lobato não teve dúvidas em rever as estórias, muitas vezes para modificá-las, e dar-lhes outro destino dentro de uma independência que não precisava mais subordinar-se, formalmente, à literatura escolar.

1 PROPÓSITO INICIAL DA LITERATURA INFANTIL LOBATIANA À SAGA DA MENINA NARIZINHO

As traduções então correntes no Brasil impressionavam Monteiro Lobato, que as considerava “grego”. Esses livros, testemunha o escritor, eram traduzidos para as crianças portuguesas, que provavelmente não entendiam nada, também. E eram mal impressos, com ilustrações piores que o nariz do ilustrador. “Quando criança, detestava tais livros ‘maléficos’, que quer dizer ‘maravilhosos, admiráveis’. E como não entendia patavina do que estava escrito neles, divertia-me ‘lendo’ as figuras” (RIZZINI, 1960, p. 147). Pobres crianças daquele tempo. Nada tinham para ler. E para as crianças um livro é todo um mundo.

Não bastassem os exemplos do imenso acervo de livros traduzidos em Portugal que recebíamos desde o Século XIX, a literatura infantil, por exemplo, vinha toda ela também de Portugal. Até certo ponto, para nós ela representava um contra-senso, uma vez que as diferenças entre o idioma falado nas duas pátrias eram, já notáveis na época e, de tal forma que, por vezes, frases inteiras ficavam indecifráveis para as nossas crianças.

Uma carta datada da fazenda de Monteiro Lobato, de 1912, parece dar a primeira informação sobre o mundo do sítio futuro de Dona Benta. Nele o escritor narra as peraltices de seu filho Edgard, que o punha “doido” e era “escandalosamente protegido pela mãe e a tia

Nastácia, a preta que trouxe de Areias e o pegou desde pequenininho” (LOBATO, 1944, p. 222). Era, dizia a carta, uma “excelente preta”, com um marido mais preto ainda, de nome Esaú. A carta é de julho. Em agosto, respondendo a uma missiva de Godofredo Rangel, ordenava que ele colecionasse as idéias de seu filho, Nelo, pois acreditava que elas dariam “matéria para um livro que nos falta. Um romance infantil – que campo vasto e nunca tentado! A idéia de Nelo, de matar passarinhos com foguetes de espeto na ponta, é de se requerer patente”!

Aí, nessas cartas, estão dois elementos básicos da obra infantil de Monteiro Lobato. A querida preta Nastácia, a figura brasileiríssima da saga lobatiana, e a nítida essência do valor da magia (elemento fundamental na literatura infantil de ficção) pelo aproveitamento da idéia do menino Nelo na caça dos passarinhos. Tanto a preta Nastácia como a inocência e pureza constituir-se-iam, pelo tempo afora, as duas constantes máximas da obra do autor, depois enriquecida com outros valores apanhados junto à sociedade humana em que viveu e ao meio ecológico que o viu crescer e desenvolver-se e, mais ainda, testemunhou a formação do escritor.

Em 1915, Monteiro Lobato manifestou em carta ao seu sempre amigo Godofredo Rangel o seu interesse pelo tipo popular de Pedro Malazarte. Estava então colecionando as suas aventuras, certo de que tais aventuras poderiam dar um livro popular no gênero. Godofredo Rangel deve ter enviado a Monteiro Lobato uma série de aventuras e informações sobre Pedro Malazarte, pois no ano seguinte, em carta datada de setembro, acusava seu recebimento. Isso indicava que rapidamente mudara de idéia, pois andava atrás do “*Meu Livro*”. E que era esse livro? Lobato confessava na época ter várias idéias. Uma delas era de:

“vestir a nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa, mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus

pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta sentados à beira do degrau de nossa casa ou quando estão para dormir pela noite” (LOBATO. 1944, p. 326)⁴.

No ano seguinte, porém, Monteiro Lobato continuava em dúvida, dentro de uma inquietação que já agora se dirigiria ao saci. Queria saber como ele era e chegara mesmo a escrever alguns artigos. A Godofredo Rangel, em carta de janeiro de 1917, mandava pedir informações detalhadas. Como seria o saci em Minas Gerais? Realizou então um grande inquérito; um curioso inquérito através do jornal *O Estado de São Paulo*, e cujos resultados estão reunidos no volume publicado em 1918. Nesse mesmo ano manifestava desejo de não assinar o livro, ou, quando muito, assina-lo com o pseudônimo de Demonólogo Amador.

A verdade, porém, é que o volume não saiu assinado com aquele pseudônimo. Publicou-se o livro com o título de *O Saci-Pererê – Resultado de Um Inquérito*. Foi com essa experiência que nasceria *O Saci*, um dos grandes livros da literatura infantil de Monteiro Lobato.

O Narizinho Arrebitado teve uma edição inicial de 50.000 exemplares e o amplo êxito obtido junto ao jovem público escolar entusiasmou fortemente Lobato. Enfim achara seu destino literário, inaugurando para as crianças brasileiras um novo mundo de perspectivas. Enquanto seu complexo criador não inventasse novas ficções, tinha de se socorrer dos clássicos, como de fato fez, com La Fontaine.

Era uma fase de grande entusiasmo. Monteiro Lobato esquecia-se, inclusive, das restrições que opusera a alguns clássicos da literatura infantil traduzidos para o Brasil. Resolvera entrar pelo caminho certo: livros para crianças. Em depoimento ao “sempre”

⁴ Nessa carta há uns conceitos curiosos de Monteiro Lobato sobre a fábula e a sua função. Observando a reação de seus filhos ante as fábulas, afirma que não prestavam nenhuma atenção à moralidade. A moralidade, escreve, “nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui, em vez de exóticos, se for com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora no mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem sem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo de literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito de impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com a idéia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão tendente a formar italianinhos”. Veja-se pelo teor da carta, como Monteiro Lobato caminhava conscientemente para a realização de uma literatura infantil verdadeira e... moderna!

Godofredo Rangel afirmara estar enjoado de escrever para marmanjos. Segundo ele, todos eram “bichos sem graça”. E mais:

Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no *Robinson* e n'Os *Filhos do Capitão Grant*. Afinal, o que é uma criança? Imaginação e fisiologia, nada mais. É a junção do perfeito e do imperfeito; do moral e do sensacional; da fantasia e da paixão (LOBATO, 1944, p. 335).

Em 1934, Monteiro Lobato traduzia febrilmente os clássicos da literatura infantil, tais como Grimm, Andersen e Perrault e ainda encontrava tempo para terminar uma nova criação, ou seja, *Emília no País da Gramática*. Seu entusiasmo não ficava nesses planos, pois é desse mesmo ano sua idéia de reunir as várias aventuras de Narizinho, publicadas em pequenos tomos intitulados *Narizinho Arrebitado* (1921), *Aventuras do Príncipe* (1928), *Noivado de Narizinho* (1928), *Pena de Papagaio*, *Gato Félix*, *Cara de Coruja*, *O Irmão de Pinóquio*, *O Circo de Escavatinhos*, *Pó de Pirlimpimpim*, *No País das Abelhas e Novas Reincarnações de Narizinho*, num único e sério volume. Era o que Lobato chamava de “consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificação num todo harmônico” (lobato, 1964). Idéia que, de fato se concretizou no mesmo ano de 1934, quando apareceu, com a chancela da Companhia Editora Nacional, o texto definitivo de *Narizinho Arrebitado*.

2 O SÍTIO DO PICA-PAU COMO ESTABELECEDOR DE UM CONTRASTE ENTRE DOIS MUNDOS

A partir de *Negrinha* (1920), a obra lobatiana se apóia, entre outros escritos, na saga do Sítio do Pica-Pau Amarelo (de 1921 a 1944) e aqui, que não nos interessa, no livro *O Presidente Negro* (1926) da qual se destaca a história de um presidente norte americano eleito... e negro, em pleno Século XXIII!

Até então, tínhamos um conjunto de obras, como em *Urupês* (1918), *Cidades Mortas* (1919) e *Negrinha* (1920), preso às apeias do compromisso ideológico explícito que revelava um Lobato ainda imaturo, artisticamente, uma vez que seus contos são, em grande parte,

produção de sua fase juvenil e regionalista que marcava a idéia de espaço degradado e degradante.

O ponto de vista, a partir de *Narizinho Arrebitado*, agora é outro e o espaço rural assume características de utopia: nele não tem lugar nem o autoritarismo paterno, nem o político. As estruturas econômicas que deixaram tantas cicatrizes na sociedade brasileira, como a escravidão e o latifúndio, são efetivamente resolvidas pelas figuras familiares de Tia Nastácia, tio Barnabé e o compadre Teodorico (que também é coronel). O sítio, absolutamente autônomo e auto-suficiente, parece não se desgastar com os contatos exteriores. Em resumo, não há uma Washington do Século XXIII à qual ele se contraponha.

Transforma-se assim, o Sítio do Pica-Pau Amarelo no ponto central da obra lobatiana, que retoma de forma original o regionalismo. Mas nem assim a velha consciência militante de Lobato se cala, e aos poucos as histórias do sítio vão incorporando preocupações didáticas, vão se transformando em pretexto para aulas disto ou daquilo, ora de forma escancarada como em *Emília no País da Gramática* (1934), ou em *Aritmética da Emília* (1935), ora de forma alegórica ou simbólica como em *O Poço do Visconde* (1937), onde Lobato leva seus leitores a refletir sobre pontos cruciais da política do petróleo.

Permanecem então no Lobato do Sítio, traços do Lobato de Itaoca. Mas paralelamente a esta permanência, o Lobato do sítio também se transforma: fica um escritor mais solto, mais livre e melhor, apesar desta sua soltura – e que também dá a sua obra uma marca moderna – é a fantástica colagem resultante da interação do personagem do sítio com personagens de outras realidades e outras fantasias. Emília, Narizinho, Pedrinho e os outros contracenam com Peter Pan, Pequeno Polegar, Popeye, Péricles, São Jorge, Shirley Temple e o Saci.

A mudança dos personagens do reino encantado para o sítio, nessa interpretação representa a contrapartida da dilatação que sofre o sítio, quando seus moradores vão à Lua ou

à Grécia. Nesta fusão de universo fantástico diluem-se as fronteiras entre o folclore brasileiro e o europeu, entre a ficção científica e o maravilhoso tradicional, entre as bonecas de trapo e de espiga de milho e os personagens de Disney.

É curioso, no entanto, que o sítio de Dona Benta, embora acolha toda a fantasia possível, só excepcionalmente se relacione com o mundo histórico: sabe-se que Pedrinho mora na cidade (está de férias no sítio). Dona Benta se corresponde com a mãe dele, Dona Tonica. Um jovem traz livros e jornais no vilarejo próximo (aliás, Itaoca, como fica sabendo o leitor de *A Chave do Tamanho*), onde fica a vendola do Elias Turco.

Por outro lado, só raramente e em situações excepcionais é que o sítio se vê penetrado por “gente de fora”; os astrônomos que reclamam das estrepolias interplanetárias, as crianças que visitam o anjinho, os cientistas que vêm ver os prodígios biológicos do Visconde, os donos do circo em busca de Quindim, e outros.

Tudo isso configura uma espécie de auto-suficiência do sítio de Dona Benta enquanto universo literário. Mas, essa preservação do sítio como espaço mágico, ou outro lado, vê-se comprometida na medida em que, numa espécie de mecanismo de troca, várias ações dos picapauzinhos afetam o mundo histórico: dos desequilíbrios, das galáxias a miniaturização dos seres humanos, tudo é possível. Mas tudo é também transitório. As reinações são corrigidas e restaura-se o equilíbrio (ou desequilíbrio, se pensarmos como Emília), mas talvez baste o salto, a viabilização do impossível, a radicalização da experiência de liberdade que, em última análise, é o que se pede a literatura e que Lobato proporciona generosamente a seus leitores.

3 LOBATO, SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA INFANTIL E A POSTERIDADE

Os primeiros textos infantis brasileiros, publicados no final do Século XIX e nas primeiras décadas do Século XX, nada mais fizeram além de produzir, para as nossas

crianças, a dependência da literatura vocacional à influência européia. Assim, a literatura infantil brasileira da passagem do século não se valoriza por sua criatividade, mas por seu caráter documental, mantendo-se, como na tradição européia, servil à pedagogia e a uma visão conservadora da infância.

Só a partir de 1921, com a publicação de *A menina do Nariz Arrebitado*, de Monteiro Lobato, afeição da literatura para crianças brasileiras começa a ser alterada. Amparando-se na alegação de que se tratava de literatura escolar, fato que garante ao escritor a ampla aceitação da obra e a sua indicação pela rede escolar como "segundo livro de leitura", Lobato começa a criar uma literatura infantil com características bem diversas daquela que se produziu até então, sobretudo no que dizia respeito à participação da criança na narrativa: a história é contada do ponto de vista da criança e, desse modo, antes ensinar, procura interessar e divertir o leitor.

Tal preocupação com o receptor do texto infantil marca o ideal reformador da obra de Lobato, o qual manterá sua produção até 1944, data de sua última publicação infantil. Em consequência, sua produção contém diversos elementos que embasarão um novo projeto da literatura infantil brasileira moderna.

Em *Reinações de Narizinho*, o autor já chama a atenção para o desgaste dos velhos contos de fadas europeus através da fala de suas personagens. Diz Dona Carochinha: "Não sei, mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidades. Falam em correr mundo a fim de se meterem em novas aventuras". (p. 11) Reflete Pedrinho: "Isto sim, não deixa de me intrigar. Se polegar fugiu é que a história está embolorada. Se a história está embolorada, temos de botar fora e compor outra. Há muito tempo que ando com esta idéia - fazer todos os personagens fugirem das velhas histórias para virem aqui combinar conosco outras aventuras". (p. 53)

Neste trecho, o personagem infantil Pedrinho é o porta-voz do autor: deseja modificar a ótica e a solução narrativa das histórias para crianças, a fim de que sejam levadas em consideração, ao se desenvolver a narrativa, enquanto indivíduos, e não como simples receptáculos de valores que os adultos lhes desejam impor.

A literatura lobatiana rompe com o modelo tradicional de literatura infantil, ao criar novas expectativas e adequá-las à preocupação com a recepção de seus textos. Nesse sentido, sua obra aponta para uma significativa dicotomia: de um lado, aparecem narrativas com predomínio de caráter informativo, que preenchem uma carência de saber manifestada pelas personagens infantis do Sítio, Suas atenções se voltam para o mundo exterior e buscam conhecimento de tipo objetivo, quer no âmbito da história, das Ciências Naturais, da Gramática ou Mitologia; de outro lado, estão obras de cunho ficcional, onde as crianças do sítio se propõem a solucionar situações problemáticas através da atuação sobre seu meio ambiente. Assim, as obras informativas revelam um caráter descritivo colado ao real, cuja intenção pedagógica é evidente. As outras manifestam um sentido crítico, livre de condicionamentos predeterminados, onde a realidade se une à fantasia sem deixar de ser denúncia, propulsora de conscientização,

Motivado pela consciência de que a criança, por viver em sociedade, já sofre a sua maneira condicionamentos que determinarão o seu comportamento futuro, Lobato estimula-as a ver a realidade através de conceitos próprios, atraídos não só por personagens e sua ação, mas também pela sua maneira de dizer, elementos que fazem com que a criança partilhe diretamente da realidade que lhe é mostrada. Embora todas as histórias se estruturam com o auxílio do mágico (o faz-de-conta de Emília, a inteligência de um sabugo falante, a fidelidade de um rinoceronte acontecimentos absolutamente distantes do real), sua intriga coloca o leitor diante de assuntos absolutamente próximos: o petróleo, a geologia da região paulista, o folclore nacional, os trustes mundiais da economia, as reações de cada classe social diante do

estímulo da livre iniciativa, entre outros. Monteiro Lobato capta o estado de espírito representativo das idéias de seu tempo do ponto de vista social, o que se evidencia pelas ações das personagens. Por exemplo, através do Visconde de Sabugosa, em *O Poço do Visconde*, todos os moradores do sítio, e por extensão, todos os pequenos leitores, conscientizavam-se da importância do petróleo, da necessidade de lutar pela realização das potencialidades econômicas do país através da exploração intensiva de seus recursos naturais.

Revelando grande traquejo político, Visconde examina a capacidade produtiva de uma tecnologia nacional, condicionada pelo modo de organização e pelo caráter da estrutura do poder, de pouco adiantando revoluções que não se proponham a uma revisão da estrutura econômica do país, mas apenas a uma reorganização da política tradicional, o que só servirá para refletir o nosso atraso e a modernização reflexa.

Dessa forma, junto com as personagens do sítio, os leitores são levados a conquistar uma consciência crítica de brasilidade, o que implica a valorização e reconhecimento de diversos aspectos ignorados até mesmo por muitos adultos.

Quanto ao plano ético, todas as questões perdem o invólucro de moralidade, que até aqui perseguiu a literatura infantil em detrimento da verdade: o mundo passa a ser dos espertos, e a inteligência bem orientada acaba vencendo a força bruta. É o que confessa Emília em suas Memórias ou o que concluem diversas fábulas.

A moral tradicional é abandonada em prol de uma verdade individual, observável e constatável. As personagens optam por uma moral de situação e instauram no sítio a liberdade. É assim que Emília explica o segredo dos progressos do sítio: “- O segredo, meu filho, é um só: liberdade. Aqui não há coleiras. A grande desgraça do mundo é a coleira. E como há coleiras espalhadas pelo mundo!...” (LOBATO, 1941, p. 87).

Livre de censura, sem coleira, a obra infanto-juvenil lobatiana apresenta dois níveis distintos: num deles, a criança pergunta e recebe informações que a instrumentam para a crítica; no outro, vê criticamente aspectos reais, os quais têm como característica infantil a absoluta falta de limites com acontecimentos irreais. Tudo é possível. As noções de tempo e espaço são eliminadas. Tudo é natural, nada é sonho, ou melhor, o próprio sonho é vivido e não sonhado. Por isso a fada - personagem que no conto tradicional se distancia do real e é, *a priori*, instauradora do maravilhoso - é substituída por Emília, uma boneca de pano tornada viva, próxima da realidade infantil. Da mesma forma, o faz-de-conta de Emília substitui a varinha mágica já gasta das velhas fórmulas européias. Assim, os contos de fadas, distantes da realidade infantil, cuja estrutura desgastada foi questionada pelas próprias personagens do sítio, renascem com outra roupagem e se tomam mais próximos, emancipadores.

A criança que entra em contato com o texto lobatiano passa a discutir os rumos políticos do Brasil, a concluir e a traçar paralelos sem se abstrair em fórmulas ou teorias. O cenário e os elementos que compõem a intriga são reais, as leis que regem esse mundo são ideais, não porque sejam distantes da verdade, mas porque se constituem numa correção da realidade. Identificados com as personagens, os leitores vêem criticamente o mundo corrigido, conscientes de que estão atuando sobre o seu mundo. Os erros apontados pelo autor são corrigidos através da imaginação das crianças, pela interferência do maravilhoso, num ambiente, sobretudo, humano e livre: o sítio do Pica-Pau Amarelo.

Daí a existência da dicotomia narrativa da obra lobatiana, que corresponde a dois códigos diferenciados, um para o relato dos acontecimentos, onde as personagens e leitores adquirem embasamento científico; outro para a especulação dos acontecimentos narrados. A fim de adequar sua intenção à mentalidade infantil. Lobato cria um mundo fantástico que supera a própria realidade, uma vez que se propõe a corrigir as faltas existentes. A utilização de elementos da fantasia é própria dos moradores do sítio. O maravilhoso é a forma de

aproximar a criança da ciência, mas também de compensar o atraso tecnológico do Brasil ou de reagir contra a inútil devastação das guerras. Isto enfatiza o contraste entre a fantasia e a realidade, destacando-se a consciência crítica diante da vida político-econômica mundial, como uma possibilidade de superação desse contraste.

A fantasia se configura aqui como uma forma de o autor mostrar a realidade à criança, e é também maneira de atuação dos bonecos humanizados. Pela literatura infantil, Lobato postula, pela primeira vez para as crianças brasileiras, o que constitui o problema inicial da nossa cultura: a retomada da liberdade, único elemento capaz de condicionar positivamente o desenvolvimento cultural autêntico. Esta etapa preliminar é colocada como missão a cumprir pela criança, capaz de, a partir de uma formação mais autêntica e verdadeira, superá-la e restituir a cultura aos seus fundamentos nacionais. Trazer a vida brasileira à consciência infantil e desenvolver um sentimento de nacionalidade atuante, foi a mais importante função da literatura de Lobato que, por isso, se constitui na referência máxima da literatura infantil brasileira, permanecendo ainda hoje como um desafio atual.

Para entendermos a importância de Lobato na literatura infantil, é preciso nos reportarmos à época em que viveu e ao intelectual e agente cultural que foi.

Embora sua primeira obra para crianças, *A Menina do Nariz Arrebitado*, date de 1920, o criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo começou a se interessar por literatura infantil por volta de 1912, período pré-modernista que se caracterizou pelo sincretismo e por uma certa inquietação suscitada pela I Guerra Mundial.

Sem dúvida, o conflito de 1914 alertou os intelectuais para os problemas nacionais. Vários fatos de ordem político-social vieram à tona. Nossa literatura, quase inteiramente calcada em moldes estrangeiros, procurou o caminho do regionalismo, na sua longa trajetória de literatura importada e de transplantação, que se conscientiza da influência européia, colonizadora, e busca veredas para a emancipação, procurando olhar para dentro de si e

buscar temas e comportamentos brasileiros. O nacionalismo do Século XX se caracterizou por uma perspectiva etnológica do brasileiro, em oposição à concepção européia do índio gentil-homem do nosso Romantismo.

A *Revista do Brasil*, que Lobato veio a dirigir, estava sendo publicada desde 1916 e reunia a nata da inteligência de todos os estados, principalmente de São Paulo e Rio de Janeiro. Espelhava-se as idéias do período: o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir um número de propaganda nacionalista: “Ainda não somos uma nação que se conheça, que se estime, que se baste, ou, com mais acerto, somos uma nação que ainda não teve ânimo de romper sozinha para frente numa projeção vigorosa e fulgurante de sua personalidade. Vivemos desde que existimos como nação, quer no Império que na República, sob a tutela direta ou indireta, se não política ao menos moral do estrangeiro (...)”, afirma Júlio Mesquita.

Cabe aqui observar a relação entre o crescimento da literatura infantil e os períodos de redemocratização do país. Juntamente com as outras manifestações artísticas de seu tempo, ela também se engaja nos problemas e os reflete criticamente, reelaborando o real, através da fantasia, que, por isso, em vez de ser alienante, é emancipatória e participante.

Durante a 1ª metade do Século XX, a literatura infantil assim como seu iniciador verão recrudescer períodos de autoritarismo alternados por outros de maior liberdade.

A própria vida de Lobato, que encerra o sucesso literário, mas também a falência e a prisão, segue as contradições da História do Brasil. Entre 1937 e 1945 (o Estado Novo), durante um dos muitos regimes de exceção por que passamos, onde a violência e o terror somados aos muitos atentados contra os direitos humanos e a liberdade de expressão imperam, muitas desgraças caem sobre a vida particular de Lobato, porém este não deixa de escrever, dedicando especialmente à infância uma obra bastante fecunda e bem sucedida.

O segredo de Lobato reside na espontaneidade do estilo, descontraído e seguro, no coloquialismo, no humor e na crítica. Assim, sua literatura para a infância sempre se mostrou engajada e crítica, sem, contudo, tomar-se panfletária, justamente pelo emprego da fantasia e da paródia, na transfiguração do real com que opera a arte poética.

Embora todo o discurso seja ideológico, a arte lobatiana não é doutrinária e dogmática porque encerra contradições que não podem ser resolvidas mais ao nível ideológico, mas sim no da ficção (literatura). Curiosamente, em sua obra infantil, deixou nos últimos anos, marcada a sua inquietação pelas ambigüidades do sistema capitalista que tanto defendeu. É o caso d'*A Reforma da Natureza*, d'*A Chave do Tamanho*, d'*O Poço do Visconde*, por exemplo.

Abre-se um parêntese para lembrar que não se deve reduzir o texto literário à vida criativa do autor. O vínculo com a História não pode ser reduzido ao espontâneo ou simultâneo. Pode haver mesmo uma defasagem do tempo entre a obra e seu período; o autor pode ligar-se a tendências secundárias de sua época, a tendências remanescentes do passado ou pode preceder, em nível da vanguarda, tendências que se seguirão a ele. A obra, contudo, extrai aspectos característicos de seu período e caracteriza-se ao evocar as contradições específicas. Mas, não se trata mais de simples reflexo, a coerência do período histórico e a do texto literário devem ser distinguidas, pois a "grande arte" não é igual nem pode ser reduzida ao sistema ideológico que a contém.

Assim, a obra lobatiana para a infância enquadra-se na "grande arte" porque retoma o regionalismo acrescentando-lhe uma visão e uma linguagem próprias, engaja-se aos problemas de seu tempo e ultrapassa-os, criando um gênero que deixou inúmeros seguidores que se confessam seus herdeiros.

Na sua literatura infantil, Lobato procura dar ambiência brasileira aos contos de fadas, através do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Mergulha na tradição popular oral, inspirando-se

em mitos e imagens de recorrência que fazem parte da tradição oral de todos os povos; daí sua obra infantil ser ao mesmo tempo regional e universal. Inspira-se em Pedro Malazarte - herói popular que subverte as normas - e encerra a imagem do pícaro nas fábulas de Esopo e La Fontaine, que ganham forma e conteúdo novos: "tudo em prosa e mexendo com as moralidades"; no folclore fascina-se com o saci-pererê. Ainda traduz, recria e adapta os grandes clássicos da literatura universal, como Robinson Crusoé, de Laemert. E idealiza o sítio, onde a imaginação infantil pudesse morar ao lado de suas personagens. Num estilo direto, num vocabulário simples e exato, sem distinção de real e irreal, com a abolição do tempo, o mundo encantado das mentes infantis habita o sítio. Narizinho, ao ouvir a história do inundo, diz a Dona Benta: "Não há tão grande diferença entre as histórias e os contos da fadas".

Após a morte de Lobato, suas obras permaneceram vivas e continuaram influenciando escritores que confessam terem lido, em crianças, as histórias do sítio do Pica-Pau Amarelo. Os germes da literatura infantil contemporânea estão contidos na obra lobatiana, e é curioso notar que duas décadas se passaram, depois do seu falecimento, sem apontar nenhum autor significativo para a literatura infantil, tal era a influência viva ainda do precursor.

No entanto, como ninguém pode deter a marcha da História, uma geração de escritores estava se formando e iria explodir a partir da década de 70, com uma literatura altamente original e engajada no tempo, como foi a de Lobato.

A literatura infantil, à medida que emerge do regionalismo do começo do Século XX, com Lobato, explora o folclore, a tradição oral, as raízes regionais, a linguagem coloquial, a fantasia, o mítico, o mágico, utilizando diversas formas de resgatar o real como a paródia, a caricatura, a carnavalização, o realismo grotesco, no aspecto social e no psicanalítico, inserindo-se nas vertentes do Modernismo e do Pós-Modernismo e associando tradição e

vanguarda. Os projetos estético e ideológico da literatura infantil brasileira estão contidos na obra lobatiana; têm se transformado com o tempo, mas guardam também características da origem.

Toda uma gama de textos para crianças e jovens se descortina, desde os contos de fadas até os contos naturalistas, a partir dos anos 70, talvez como uma esperança na infância, uma vez que a realidade brasileira, neste período, se torna negra pela repressão, pelo autoritarismo e pela censura. Acresce, também, que a literatura brasileira em geral tem mostrado atualmente uma acentuada direção política, o que vem influenciar a literatura infantil contemporânea e, ao mesmo tempo, reportá-la para o período lobatiano, o que não deixa de caracterizar o século ao qual acabamos por finalizar. Além disso, pelo que foi exposto, a literatura infantil, enquanto discurso artístico, não pode ser considerada como uma sub-arte, mas deve ser analisada junto com as séries artísticas a que se relaciona.

Todas essas direções da literatura infantil do final do Século XX seguem os preceitos de Lobato de não mentir aos pequenos leitores e mostrar-lhes criticamente a realidade de modo a contribuir na formação de mentes abertas, livres e que procuram refletir sobre o que as cerca. Seguido o lastro de Lobato, cuja complexidade e riqueza faz irradiar fantasia, realidade, informação, crítica e reflexão, sempre associados à ironia, ao humor e ao jogo, resgatam o real de uma maneira dialética, atribuindo maturidade também à literatura infanto-juvenil que demonstra respeito à inteligência do leitor jovem, como procedeu a seu iniciador. Daí, atualmente, na boa literatura infantil, não haver espaço para dogmatismo, moralismo, maniqueísmo ou repressão.

Lobato permanece, pois, na Literatura Infanto-Juvenil, porque criou uma obra maior, que guarda relações com o passado, com a época em que viveu e com a contemporaneidade. Instaurou um projeto estético e ideológico: resgatar o real de maneira crítica e criativa, utilizando uma linguagem artística coloquial que atinja o receptor sem apresentar dificuldades

de comunicação. Daí a proximidade do texto para crianças com a literatura de massa e ao mesmo tempo, com a vanguarda e o experimentalismo que se apropriaram das fontes populares.

Com o propósito de não mentir aos leitores, Lobato aliou tradição e vanguarda, conseguindo seguidores muito além da época em que viveu.

CONSIDERAÇÕES

Depois de todas as considerações sobre o homem, o intelectual e o escritor Monteiro Lobato, é pertinente discutirmos a repercussão de sua obra mais significativa, aquela destinada à infância, junto ao seu público. Da mesma maneira, devido às características peculiares desse público, que está num período de formação e transita pela escola, cabe questionar o papel dessa instituição no incentivo à leitura de Monteiro Lobato e, por extensão, no desenvolvimento do hábito de ler.

Parte-se de dois pressupostos básicos:

1º - A importância da leitura no alargamento de horizontes do indivíduo, no aprofundamento de sua experiência e, conseqüentemente, no desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo;

2º - A eficácia da atuação da escola, como entidade de ensino sistemático, na aprendizagem da leitura e na aquisição do gosto de ler (em ESCARPIT, 1998, pesquisas realizadas verificaram que o fenômeno da não leitura está relacionado com o tempo de escolaridade: quanto menor a frequência à escola, mais rápida a perda da capacidade de ler).

Inquéritos realizados entre professores de Ensino Fundamental sobre o seu trabalho com literatura infanto-juvenil na escola, no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais, revelaram que Monteiro Lobato é o segundo autor mais indicado em sala de aula. No Rio Grande do Sul, ele só é superado por Érico Veríssimo e, em Minas Gerais, por Terezinha da Costa Val Araújo

(Atividade e Criatividade em Comunicação e Expressão - didático). Seus livros mais recomendados são: *O Pica-Pau Amarelo*, para as crianças gaúchas, e *O Pica-Pau Amarelo*, *O Saci*, *Caçadas de Pedrinho* e *Fábulas*, para os leitores mineiros.

É interessante observar, no entanto, que, em pesquisa semelhante, realizada no Rio Grande do Norte, por Constância Lima Duarte, em 1980, os livros de Lobato não figuram entre os vinte mais indicados pelos mestres a seus alunos. Tal constatação permite-nos delinear o universo geográfico de recepção da obra lobatiana: sobretudo o Centro-Sul do país. Não se discute aqui a universalidade da obra por suas características internas, mas o pólo oposto do processo literário - o trânsito social do livro entre o público leitor.

Pesquisas realizadas junto a este público, com a finalidade de traçar um perfil de seus interesses, no Rio Grande do Sul, detectaram certas variáveis, como idade, sexo e nível socioeconômico, influenciando as respostas dos entrevistados.

Contudo, determinadas preferências são comuns as quatrocentas crianças entrevistadas por Duarte: histórias de aventuras, com enredo desconhecido, vividas por personagens humanas e sobrenaturais, em que se misturam elementos do real e da fantasia.

Os professores mineiros, perguntados pelo autor preferido de suas crianças, indicaram Monteiro Lobato em primeiro lugar.

O quadro delineado até aqui é, portanto, tranqüilo: o material de leitura que a escola está oferecendo aos alunos responde aos seus interesses maiores. Os ingredientes preferidos nos leitores mirins estão presentes na obra lobatiana: aventura, realismo, magia, novidade.

No entanto, sabemos que a realidade é bem outra, que o gosto pela leitura tem diminuído acentuadamente. Cabe, portanto, perguntar: o que a escola tem feito com a literatura de Monteiro Lobato? Considerando-se os dados levantados, podemos afirmar que o problema é, sobretudo, de metodologia de ensino de literatura.

Por sua vez discutir como trabalhar com o livro em sala de aula remete-nos à questão dos fins da educação, à indagação do tipo de homem que a escola pretende formar. Será que a instituição escolar tem em vista o modelo de criança proposto por Lobato? Seguramente, o autor, em sua obra infanto-juvenil, persegue objetivos educacionais, em *strictu e latu sensu*. Conceitos sistemáticos de língua, história, geografia, matemática, são passados à criança, mas Lobato não se limita à transmissão de conhecimentos. Suas personagens aprendem observando, agindo, questionando o adulto, tirando conclusões e aproveitando o que é válido em novas situações. Sua atuação é crítica e transformadora.

Ainda segundo Constância Lima Duarte, em análise das diretrizes curriculares elaboradas pelas Secretarias de Educação dos Estados brasileiros, chegou a algumas conclusões quanto ao papel atribuído à leitura na formação dos jovens. Dessa leitura podemos concluir que:

1º - As reflexões teóricas sobre a importância e a concepção da leitura apontam para uma dimensão crítica do ato de ler como possibilitadora do crescimento individual. Contudo, a preocupação moralizante evidencia a tendência a aprisionar o sujeito aos padrões estabelecidos pela sociedade, em vez de incentivá-lo ao questionamento e à reelaboração dos valores. Paralelamente, as normas sociais competitivas são ratificadas quando o significado da leitura é aliado ao sucesso e a sua promoção viabiliza através de concursos.

2º - Os tipos de textos sugeridos reforçam a voz do adulto e atendem aos objetivos de uma educação que se propõe moldar os jovens segundo os modelos dominantes, através de:

- Adaptação que desvirtua o conteúdo das obras e passam a atender a outros fins que não os originais;
- Criação de textos pelos elaboradores, que são instrumentos de repressão pela forma e pelo conteúdo. A linguagem evidencia pobreza vocabular, excesso de diminutivos,

precariedade de rimas. Não retrata a fala infantil, mas aquela que os mais velhos esperam da criança. Os temas procura6 despertar sentimentos de submissão, como a supervalorização da escola, o amor idolatrado aos pais ou à Pátria. Alguns, por sua repetição constante, passam ao estudante a idéia de estagnação no tempo e, conseqüentemente, não crescimento, como: Dia da Primavera, Dia das Crianças, Dia da Árvore, Minhas Férias;

- Orientações para que os professores reformulem os textos elaborados pelos alunos anulando a expressão infantil ao mesmo tempo em que privilegiam o papel do adulto.

3º - Por outro lado, a ênfase atribuída à utilização do livro didático estende ao mestre o modelo de pasteurização da cultura que atinge o aluno. As soluções prontas que encontramos nesses manuais limitam a dinâmica do processo de leitura em sala de em termos de escolha de material e abordagem dos textos. Também a precária bibliografia teórica à disposição nas propostas curriculares analisadas reforça o quadro delineado. Menos informado, o professor terá menos discernimento crítico e menos condições de realizar um trabalho inovador adequado às necessidades e interesse de seus alunos.

4º - As sugestões metodológicas formuladas nesses documentos são coerentes com o projeto de educação que os sustenta. Do ponto de vista do educando, são formulados objetivos para o aprendizado da leitura que se atêm, de preferência, ao nível da identificação (identificar, distinguir, caracterizar, reconhecer, localizar), atingindo apenas uma atitude passiva de reconhecimento e aceitação dos conteúdos lidos. Operações mais complexas de pensamento, como a análise, a crítica, a tomada de decisões, não são enfatizadas. Quando as diretrizes propõem "aplicar novas idéias em situações práticas", a sugestão permanece abstrata por ausência de detalhamento. Essa desvinculação do real aparece de forma nítida na manipulação do material de leitura:

- O texto é o elemento desencadeador das ações, mas não há uma mobilização para o ato de ler a partir da experiência vivida;

- As sugestões de trabalho pecam pela falta de originalidade: todas propõem os mesmos tipos de atividades e exercícios;
- O texto literário e pretexto para o estudo da gramática;
- As atividades propostas fecham-se nos limites da escola, não havendo o intercâmbio com a comunidade, o que torna o trabalho estanque e alheio à realidade.

Em consequência do exposto, podemos concluir que, se os textos de Lobato estão transitando na escola brasileira, seguramente eles não servem de suporte ideológico para a didática da leitura.

Essas são as normas oficiais. É importante, agora, questionar a realidade escolar em termos de leitura, detectar seus problemas e propor alternativas de solução que se desdobrem em dois sentidos:

- 1) Ampliando o próprio conceito do ato de ler de modo a envolver outros processos comunicativos além do verbal;
- 2) Construindo uma política de leitura que venha a extrapolar os muros da escola e comprometer a comunidade na formação dos novos leitores.

REFERÊNCIAS DAS FONTES DE PESQUISA

LIVROS, INTERNET E VÍDEO:

ARROYO, Leonardo. Literatura Infantil Brasileira. Melhoramentos. São Paulo: s/d. 308 p.

BIGNOTTO, Cilza Carla. Monteiro Lobato e a infância na república velha. **Projeto Memória de Leitura**. Unicamp. Campinas, set. 1998. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/RepublicaVelha.htm>>. Acesso em: 27 set. 2005, 22:54.

CAVALHEIRO, Edgard. A Vida e A Obra de Monteiro Lobato. Vol. 2. Brasiliense. São Paulo: 1962. 452 p.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Monteiro Lobato: Intelectual, Empresário, Editor. T.A. Queiroz editor. São Paulo: 1982. p.212-256.

MONTEIRO LOBATO, José Bento. A Barca de Gleyre. Vol. 1. 11. ed. Brasiliense. São Paulo: 1964. 231 p.

_____. _____ . Vol. 2. _____: _____. 234 p.

_____. Cartas Escolhidas. Vol. 1. 3. Ed. Brasiliense. São Paulo: 1964. 198 p.

_____. _____ . Vol. 2. _____: _____. 179 p.

LOBATO: Furacão na Botocúndia. Direção: Roberto Elisabetsky. Roteiro: José Roberto Torero. São Paulo: Fundação Odebrecht, 1997. 1 videocassete (58 min), VHS, son., color.

_____. Urupês. 9 Ed. Brasiliense. São Paulo: 1959. 300 p.

MONTEIRO LOBATO: vida e obra. Este *site* institucional de Monteiro Lobato é gerido pela Monteiro Lobato Licenciamentos, mantido e atualizado periodicamente sob orientação da família do escritor. Sua concepção e direção de conteúdos estão a cargo de Vladimir Sacchetta, da Companhia da Memória. Disponível em: <[http:// lobato.globo.com/](http://lobato.globo.com/)>. Acesso em: 14 mai. 2005, 17:04.

PROJETO Monteiro Lobato. Campinas: Unicamp, 1998. O projeto Monteiro Lobato apresenta, como objetivo, a promoção de uma interação entre o povo brasileiro e um dos personagens mais importantes do Séc. XX, Monteiro Lobato. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/index2.html>>. Acesso em: 01 out. 2005, 01:04.

PROJETO MEMÓRIA. Campinas: Unicamp, 1998. O Projeto Memória de Leitura apresenta o estudo de diferentes aspectos da leitura, com especial ênfase em sua história e em sua prática no Brasil. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria>>. Acesso em: 01 out. 2005, 23:44.

ZILBERMAN. Regina (org). Atualidade de Monteiro Lobato: Uma Revisão Crítica. Mercado Aberto Editora. Porto Alegre. 1983. 153 p.